

ESTEREÓTIPOS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES SOB A PERSPECTIVA DA PROFISSÃO CONTÁBIL

Amanda Gabriele da Silva¹
Natiely Rodrigues Figueiredo²
Priscila Lini³

Resumo: A presente pesquisa acadêmica visa responder ao seguinte questionamento do porque que apesar da inserção das mulheres no curso de contabilidade, o maior número de profissionais que atuam na área e são registrados no Conselho Federal de Contabilidade são homens. Os objetivos consistem em apresentar as desigualdades sociais, econômicas, de gênero e principalmente salarial que as mulheres enfrentam ao escolher atuar nesta profissão, sendo assim cabe uma reflexão da historicidade da profissão contábil, bem como corroborar de forma sucinta a luta das mulheres por direitos ao decorrer da história. A metodologia deu-se por uma pesquisa bibliográfica e de análise de gráficos com base em artigos e livros da área de Ciências Contábeis, Ciências Sociais e Ciências Humanas. A pesquisa permitiu concluir que as mulheres passaram por grandes desafios e lutas no processo de inserção no mercado de trabalho, principalmente, após a Revolução Industrial e os avanços tecnológicos. Ressalta-se que as narrativas e questões abordadas apresentaram perfis e realidades de mulheres que atuam no mercado de trabalho contábil desenvolvendo as mesmas atividades que os homens, mas com salário muito menor.

Palavras-chave: Contabilidade, História, Mulheres, Desigualdades, Gênero.

Abstract: This academic research aims to answer the question that, despite the inclusion of women in the accounting college, the greatest number of professionals working in the area and registered in the Federal Accounting Council are men. The objectives are to present the social, economic, gender and especially salary inequalities that women face when choosing to work in this profession, so it is worth reflecting on the historicity of the accounting profession, as well as succinctly corroborating the struggle of women for rights to course of history. The methodology is based on bibliographical research and analysis of graphics based on articles and books in the area of Accounting Sciences, Social Sciences and Human Sciences. The research allowed us to conclude that women went through great challenges and struggles in the process of entering the labor market, especially after the Industrial Revolution and technological advances. It is noteworthy that the narratives and issues addressed presented profiles and realities of women who work in the accounting labor market developing the same activities as men, but with much lower salary.

Keywords: Accounting, History, Women, Inequalities, Gender.

¹ Acadêmica do 8º Período do Curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

² Acadêmica do 8º Período do Curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

³ Docente na Graduação e Pós-Graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Orientadora.

Introdução

Remonta à antiguidade, nas estruturas sociais, o papel da mulher sendo criada e educada para ser submissa ao homem, tendo como dever essencial apenas a maternidade e o servir exclusivamente ao marido, cuidando dos filhos, dos afazeres domésticos, da alimentação da família e do asseio da casa. Nessa divisão tradicional de tarefas, atribuiu-se ao homem a obrigação de ser o provedor do lar, cabendo à mulher somente a obediência e a dependência econômica.

O gênero feminino teve acesso ao mercado de trabalho apenas na metade do século XVIII, durante a Revolução Industrial, momento em que as indústrias se fortaleciam e o aumento na mão de obra se fez necessário. A contratação de mulheres não teve um caráter de política inclusiva, tendo apenas o intuito de pagar uma remuneração inferior à dos homens, cortando assim gastos e despesas, além da possibilidade de disciplinar as trabalhadoras ao modo mais conveniente aos empregadores.

No entanto, após a I e II Guerra Mundial, com a ida dos soldados aos fronts de batalha, ganhou força o movimento de contratação de mão-de-obra feminina, e as mulheres passaram exercer funções antes ocupadas somente por homens. Com a ocorrência das guerras as mulheres passam a assumir negócios e empresas de família, assim como o comando do lar.

A partir dos contextos históricos brevemente apresentados, observa-se que a presença feminina no mercado de trabalho tem aumentado progressivamente, conquistando aos poucos mais espaço nos ambientes corporativos, e na contabilidade não é diferente.

Segundo o CFC estão registrados 519.522 profissionais na área de contabilidade, tanto contadores como técnicos em contabilidade. Destes, 297.076 (57,18%) são homens e 222.446 (42,29%) são mulheres, o que nos mostra que a participação da mulher não para de crescer na área, ocupando quase a metade dos cargos nessa área considerada tão masculina.

Também, de acordo com o CFC, em 1996 a quantidade de mulheres no cenário contábil era em torno de 27,45% e já a de homens totalizava 72,55%. Em 2017 nas eleições dos CFC/CRC's as mulheres tiveram um papel importante na

escolha dos novos representantes, e ainda alcançaram um resultado até então inédito: dos 27 conselhos regionais, sete deles passaram a ser representado por mulheres.

O CFC ficou marcado, historicamente, entre os anos de 2006 a 2010, momento em que, em dois mandatos, a presidência do CFC foi feminina, e quem ocupou tal função foi Maria Clara Cavalcante Bugarim, que é lembrada até hoje por representar uma das grandes profissionais da área.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), no setor público as mulheres representam apenas 21,7% dos cargos. Na média elas ganham 76% do salário dos homens em cargos de gerência, na direção esse número cai para 68%.

Assim, considerando que a realidade do setor contábil aponta para a tendência progressiva do aumento da presença feminina em sua composição, ainda são vários os desafios que a mulher encontra para uma atuação profissional plena, reconhecida e equânime. É esta a proposta que o presente artigo busca abordar, tendo em vista que o próprio perfil das pesquisadoras é a de futuras profissionais das Ciências Contábeis.

1. História da Contabilidade.

A contabilidade não se encaixa como uma ciência exata e sim como ciência social aplicada, pois tem por objetivo estudar o patrimônio. De acordo com Oliveira e Nagatsuka (2000) a contabilidade “é o campo das ciências administrativas, que classifica, registra e estuda todas as operações feitas pela entidade ou organizações que possui ou não fins lucrativos, concedendo então auxílio sobre a situação econômica da empresa”.

A contabilidade está presente na humanidade desde o início da civilização. Desde as primeiras civilizações sedentárias o homem primitivo já utilizava a contabilidade para manter o controle de sua produção, dos cofres públicos e do patrimônio público e privado. De acordo com Mazzioni Dedonato e Galante (2012, p.13) “os primeiros sinais da existência da contabilidade datam aproximadamente 4000 anos A.C., configurando-se uma das mais antigas ciências do mundo, é usada pelo homem primitivo para registrar o número de instrumentos de caça e pesca, contar seus rebanhos, praticando uma forma rudimentar de técnicas de contabilidade”.

Em busca de aumentar a sua rentabilidade, com o crescimento gradual do volume de produção, a geração de excedentes dá origem às trocas comerciais e à atividade monetária. Com isso tornava-se cada vez mais complicada a memorização dos bens e haveres. E, em razão dessa dificuldade com a produções e a circulação de mercadorias, bens e moeda, passou-se a utilizar os registros contábeis.

Os primeiros registros contábeis foram encontrados no Egito antigo, eram de papiro e registravam a produção de alimentos, e nesse mesmo período os registros dão conta que os egípcios começaram a usar valores monetários em ouro e prata. Mas foi somente durante os séculos XI e XVI que a contabilidade passou a ter destaque, com a expansão comercial resultante do Renascimento europeu a contabilidade serviu de controle essencial para as trocas de produtos e serviços. Foi nessa época, em 1494, que o Frei Luca Pacioli, considerado o pai da contabilidade, publicou o método das partidas dobradas, o qual indica que todo crédito é correspondente a um débito no mesmo valor, sistema que é utilizado até a atualidade.

Seguindo a evolução da humanidade a contabilidade tornou-se capaz de registrar e informar os acontecimentos financeiros em uma entidade, passando-se assim a ser uma ciência necessária. Segundo (LUDÍCIBUS, 2000, p. 22)

A principal finalidade da contabilidade é controlar os fenômenos ocorridos no patrimônio de uma entidade, através do registro da classificação, da demonstração expositiva, da análise e interpretação dos fatos neles ocorridos, objetivando fornecer informações e orientações necessárias à tomada de decisões sobre sua composição e variações bem como sobre o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial.

Observando então os aspectos citados, percebe-se “que o objeto da ciência da contabilidade, é a informação necessária para a gestão de uma entidade e a informação utilizada para a prestação de contas a respeito dos resultados dessa gestão” (SCORZAFAVE e MENEZES-FILHO, 2006). Considerando que o patrimônio é o principal objeto de estudos, como reunião de bens e direitos, além de relações subjetivas a esse conjunto, especialmente na era da informação e das novas abstrações de valor, infere-se que a contabilidade é uma área de conhecimento que está em constante evolução.

2. A Inserção das Mulheres no Mercado de Trabalho.

Na discussão levantada por ALMEIDA (2020), destaca-se o debate entre as instituições públicas e privadas, as quais após a Revolução Francesa ganham mais força, tanto por interesses pessoais quanto políticos, permeando o cotidiano das pessoas, influenciando nos seus ideais de moralidade, comportamento e vida social. Neste cenário o papel das mulheres passou a ser distinto em todos os âmbitos da sociedade, e para lidar com essa situação, na questão moral e da ordem social ficou por sua responsabilidade pelo cuidado da família (composta pelo pai, mãe e filhos), sendo logo mais um símbolo social da idade moderna, estando a mulher no desempenho de uma função ímpar, em uma sociedade com raízes patriarcais.

Mas, importante ressaltar, que “a história das mulheres não se circunscreve somente nas questões do lar e da família, pois as mulheres produzem história para além dos espaços privados dos seus lares” (ALMEIDA, 2020). Apesar de naturalmente vermos as mulheres em várias áreas profissionais assim como na contabilidade, nem sempre foi assim, principalmente nas classes sociais mais abastadas nos séculos XVIII, XIX e XX, em que as mulheres ainda exerciam apenas as funções de organizadoras do lar, esposas e a vida voltada ao matrimônio.

Neste aspecto, as questões sobre o que é ser mulher são impostas, acarretando numa pressão pelo cumprimento deste papel social dificultador do crescimento em âmbito social. Esse papel social acaba por definir o comportamento das mulheres, e tudo que foge a esse padrão é discriminado. (LIMA, *et al*, 2021, p. 87)

Devido à preocupação e as funções desenvolvidas pelas mulheres em seus lares e suas famílias, ao desempenharem por formas administrativas, teve como resultado o surgimento da economia doméstica. Segundo Oliveira (2006), “colabora sobre a perspectiva de um campo de conhecimento que tinha eficácia científica em tarefas cotidianas das casas, visando melhorar a vida das famílias e de seus lares ponto, portanto todo esse conhecimento deveria ser ensinado às mulheres (mães e esposas), com intuito de executar com perfeição suas atividades”. Entretanto no Brasil trouxe no início do século 20 uma ideia de progresso de sua nação, em um discurso com tom de modernidade republicana.

Portanto ao ser introduzido no Brasil, foi por meio de formação nas escolas, disciplina educação doméstica, via livros de formação tinha como objetivo: “(...)

desenvolver uma profissão que compreendesse as obrigações e oferecesse oportunidades de trabalho para as mulheres, com princípios científicos e processos para melhorar a gestão das famílias”. (FERREIRA, 2015, p. 4)

A presença feminina no mercado de trabalho só se tornou reconhecida após o protesto em prol aos direitos femininos, em 8 de março de 1857. Segundo, Moreno, Santos e Santos (2015) por Neves (2018): “apontam que essas mulheres, trabalhadoras de uma fábrica têxtil nos Estados Unidos da América buscavam reconhecimento salarial equiparado aos salários pagos aos homens”.

De acordo com BONIATTI (2014), a inserção da mulher no mercado de trabalho foi consequência da Primeira Guerra Mundial ocorrida em 1914, que convocou os homens para os Campos de batalha de modo que as mulheres tiveram que assumir os postos de trabalho nas fábricas na produção de alimentos, materiais de consumo e materiais bélicos, além de auxiliarem na própria Guerra como enfermeiras, cuidando dos soldados e feridos e como costureiras na fabricação dos uniformes para soldados.

(...) o que se nota é uma certa condescendência em relação à mulher profissional, cuja atividade seria apenas um acréscimo às suas tarefas habituais, nunca uma modificação da divisão “natural” do trabalho. O público alvo é a mulher de classe média, jovem, com um certo nível de instrução e renda, cujas preocupações e interesses são presumidos nos apelos publicitários e nos temas desenvolvidos. (SWAIN, 2001, p. 21)

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho é estrutural, e, desde o princípio da inserção da mulher no mercado de trabalho, o sexo masculino sempre foi predominante. Mas, mesmo com tantos obstáculos enfrentados pelas mulheres – entre eles a jornada dupla e a diferença salarial –, as estatísticas vinham melhorando e vimos um significativo aumento da quantidade de mulheres no mercado de trabalho.

Entretanto de acordo com as pesquisas realizadas pelo IPEA (Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada), é possível observar que a quantidade de mulheres inseridas no mercado de trabalho diminuiu consideravelmente no último semestre do ano de 2020. A principal causa dessa diminuição deu-se pelo contexto da pandemia global do vírus da Covid-19 (coronavírus), uma vez que atingiu os principais setores em que as mulheres ocupavam os quadros de funcionários.

Ainda no século XXI, para serem aceitas em sociedade, precisam cumprir esse papel de imposições arcaicas. Isso interfere diretamente

no psicológico das mulheres, da infância à fase adulta, pois, além de conquistar uma estabilidade financeira, ainda há a obrigação em se encaixar nos padrões do que é ser mulher, ou seja, na criação social de modelos morais e mentais do padrão feminino (LIMA, *et al*, 2021, p.87).

O Brasil, devido à crise sanitária e econômica que atingiu o mundo inteiro, sofreu os impactos no mercado de trabalho, refletindo no quadro econômico relativo a 2020 o impacto direcionado principalmente às mulheres.

Se pensarmos na questão salarial, ainda nos deparamos com brutal desigualdade enfrentada pelas mulheres no mercado de trabalho, reflexo da desigualdade de gênero presente na sociedade, assim como sua raiz patriarcal. Observa-se que mulheres recebem apenas 79,5% dos salários dos homens, mesmo desenvolvendo as mesmas funções que eles, mesmo após tantos anos de lutas e direitos conquistados através de muita resistência.

Dentre alguns fatores responsáveis pela maior quantidade de homens do que de mulheres no mercado de trabalho, está a questão da maternidade – real ou potencial – ao estarmos inseridos em uma sociedade que ainda impõe principalmente às mulheres a função exclusiva de cuidar e educar os filhos, mesmo sabendo-se que tal dever diz respeito ao casal.

Dados apontam que a ocupação de cargos por mulheres sem filhos de até 3 anos de idade era de 67,2%. Já entre as mulheres com filhos nessa faixa etária caía para 54,6%. Entretanto entre os homens, o nível de ocupação dos que tinham filhos pequenos eram de 89,2% foi maior do que entre aqueles que não tinham filhos (83,4%). (IBGE; 2019 / G1.GLOBO/ECONOMIA)

É possível compreender de que a inserção das mulheres no mercado de trabalho, não se deu por um processo fácil, mas através de muita obstinação, na maioria das vezes em demandas por direitos básicos. Entretanto, infelizmente, ainda existe uma enorme diferença em relação a todos os direitos que os homens possuem, principalmente se exercem as mesmas atividades de uma mulher.

As raízes do patriarcado, que impõem por definição o papel da mulher como apenas cuidadora do lar e dos filhos, estabelecem neste papel uma justificativa imprópria e errada para definir a capacidade intelectual, física e emocional feminina, manifestando nesta causa a falta das mulheres em espaços ocupados quase que exclusivamente por homens, a exemplo dos cargos de chefia tanto no setor privado

quanto público - presidência, governos, prefeituras e outras –, persistindo a desigualdade salarial.

3. As Mulheres no mercado contábil.

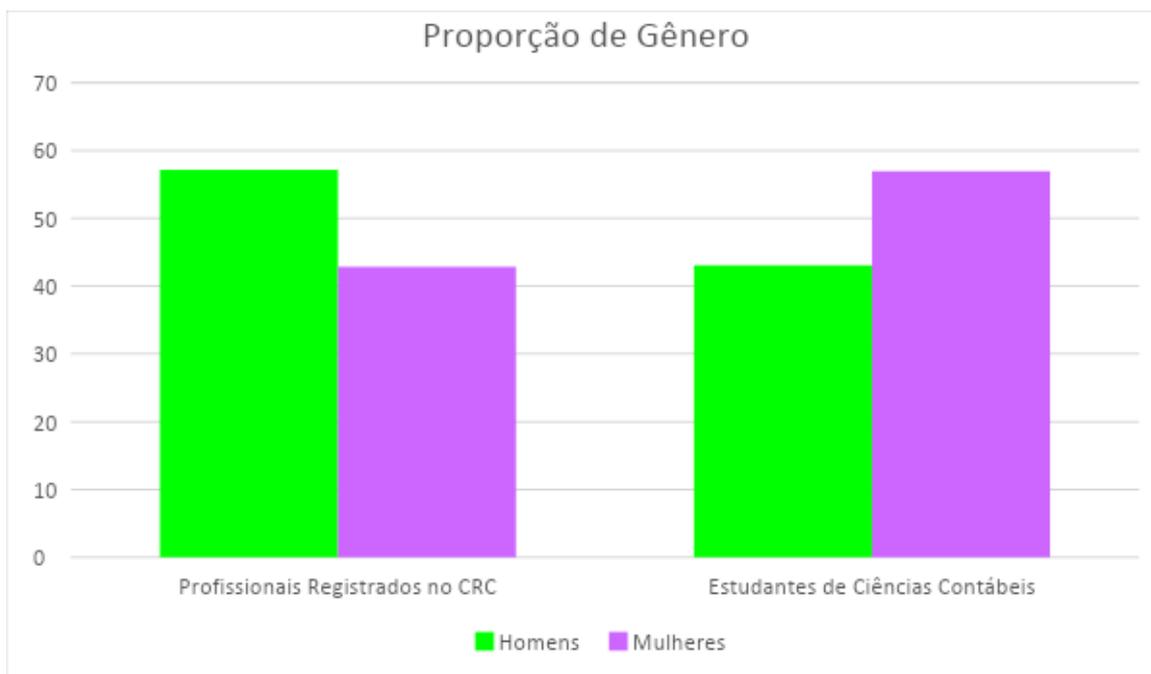
O empoderamento feminino dentro da profissão contábil não é diferente, as mulheres tiveram de lutar muito para conquistar alguns de seus direitos e ainda assim nos deparamos com diversas desigualdades de gênero, como por exemplo o salário que ainda é inferior ao dos homens. Também é notória a diferença entre os gêneros em relação a quantidade de profissionais na área.

Percebe-se, desde a grande procura do ensino superior por parte das mulheres⁴ e pela busca de qualificação constante, a tentativa de emancipação econômica e independência financeira, uma vez que a dependência econômica é um dos fatores de manutenção de relações conjugais assimétricas. Assim, conforme SCORZAFAVE e MENEZES (p. 55):

(...) há uma relação positiva entre escolaridade e taxa de participação, identificada em outros trabalhos e também neste.¹⁰ A mudança no perfil educacional foi o aspecto que mais se refletiu na mudança da composição dos grupos socioeconômicos. Deste modo, a contínua melhoria do nível educacional da mulher brasileira deve continuar contribuindo para a inserção feminina no mercado de trabalho.

De acordo com o Conselho Federal de Contabilidade (CFC, 2020) atualmente no Brasil, a cerca de 519.097 profissionais atuantes, registrados na área contábil, destes 296.896 (57,18%) são homens e 222.201 (42,82%) mulheres. No entanto, apesar do crescimento das mulheres no mercado de trabalho contábil, ainda vemos em análise quantitativa o maior número de profissionais do gênero masculino.

⁴ Dados do Censo da Educação Superior de 2016, última edição do levantamento, revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação. No Censo da Educação Superior de 2006, as mulheres representavam 56,4% das matrículas em cursos de graduação. (INEP, 2008)



A participação da mulher cresceu expressivamente na contabilidade no Brasil desde 1946 com a criação do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e os Conselhos Regionais (CRC's). Os primeiros passos da mulher na contabilidade foram dados por Eny Pimenta de Moraes no ano de 1947, sendo assim a primeira mulher a obter seu registro profissional no Brasil, uma marca importante para as mulheres.

Por volta de 1950 a representação feminina na área contábil era de apenas 1,3%, e na década de 1980 às mulheres passaram a representar 20% dos profissionais contábeis, no atual cenário estima-se que as mulheres serão maioria absoluta na profissão contábil em pouco tempo.

De acordo com o Censo de Educação Superior (2017), aponta que o curso de Ciências Contábeis ocupa a quarta posição entre os dez maiores cursos em números de matrículas e está entre os preferidos das mulheres, sendo o quinto colocado no ranking, com mais de 206 mil mulheres matriculadas (57%), em comparação com 155,8 mil homens (43%).

Refutando a argumentação do senso comum de que as mulheres não possuem aptidões para ciências que envolvam cálculos, operações complexas e tomada de decisão, restando-lhes ofícios voltados à infância e ao cuidado – mesmo em seara profissional -, o setor contábil mostra-se atrativo às estudantes, como mencionado acima, que vêm lutando pela conquista e consolidação de espaço profissional:

Nos últimos anos, vem aumentando o número de mulheres a procura de uma profissão. Na profissão contábil o número de mulheres chega a ser surpreendente. Isso já se nota nas salas de aulas, onde por exemplo de cada 60 alunos, aproximadamente 30 a 40 são mulheres, e elas já se destacam na profissão. (CREPALDI e GALIAN, 2016, p. 3)

Assim, para além de estereótipos de gênero, pode-se perceber que existe sim um interesse feminino no exercício da função contábil, cuja dedicação pode ser aferida já a partir da escolha do curso de graduação. O que muitas vezes impede uma atuação profissional com maior remuneração e dedicação de tempo é justamente o acúmulo de funções inerente ao papel socialmente imposto, com uma distribuição desigual de tarefas no ambiente doméstico e na sobrecarga mental que tais tarefas representam.

De maneira que, no momento da escolha de profissionais em situações de recrutamento e seleção, esta sobrecarga doméstica muitas vezes é considerada como fator limitante aos contratantes. Ou mesmo essa restrição pode ser imposta em critérios de concessão de promoções e avanços na carreira, permanecendo a mulher em uma condição desfavorável ao homem, muito embora direcione grandes esforços em sua qualificação e formação universitária para bem atuar no mercado.

Há varias expressões usadas para diminuir o papel da mulher na sociedade, dentre elas estão expressões como “mulheres não são capazes de exercer papeis de liderança”, “a mulher deve ser subordinada ao seu marido”, “os afazeres domésticos são de responsabilidade da mulher”, constantemente ouvimos tais expressões e nos deparamos com a naturalidade que as mesmas são aceitas por todos.

Esses termos citados acima são apenas alguns dos muitos usados diariamente pela população, não apenas masculina, uma vez que o machismo está tão enraizado na sociedade que escutamos também de mulheres. Um dos principais objetivos da ONU (Organização Mundial das Nações Unidas) até 2030 é “empoderar e promover a inclusão social, económica e política de todos, independentemente da idade, género, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição económica ou outra”.

A mulher contadora tem conquistado seu espaço. Conforme, Tonetto (2012) as mulheres portam diversas habilidades, como, a facilidade com cálculos, são cuidadosas e atentas aos detalhes que envolvem a profissão, tendo atenção com a qualidade do serviço prestado. Tonetto ainda conclui afirmando que a contabilidade ainda está em constantes alterações e a atuação das mulheres foi uma delas, em que

a presença feminina se apresenta cada vez mais forte mostrando sua capacidade em exercer a profissão.

Conclusões

Consideramos que as discussões impulsionadas por este estudo acadêmico poderão dar um novo olhar e uma nova perspectiva ao campo da pesquisa na área de contabilidade do país, por ainda haver instituições que oferecem o curso de contabilidade e não discutem gênero em sua grade curricular, mesmo que pesquisas apontem que as mulheres são o maior número de acadêmicos nesta área, em contraponto ao número maior de profissionais nesta área registrados no CFC, que são homens.

Segundo SILVA (2021), “Gênero também deveria ser uma categoria de estudo a ser incorporada nos currículos e, visando a sua importância na sociedade como crítica e reflexiva e na ciência como forma de pesquisa e análise”. Entendemos que a desigualdade de gênero tem como consequência a desencadear de outras desigualdades como a racial, social, principalmente a desigualdade salarial dentro da profissão Contábil, assim como em muitas outras.

Na mesma perspectiva, Joana Maria Pedro (2005) em relação à realidade das universidades, a autora corrobora sobre a introdução da categoria de análise “gênero”, como uma de várias narrativas a se estudar na história. Portanto compreendemos que ao introduzir essa categoria de estudo e análise na grade curricular dos curso de Ciências Contábeis, poderá levar os(as) estudantes e futuros profissionais e pesquisadores(as) desta área a compreender, questionar, criticar, observar e refletir acerca das desigualdades que irão enfrentar, destacando as diferenças nas relações entre homens e mulheres, fazendo pensar em uma construção mais justa e igualitária na sua profissão e na realidade social a qual está inserida.

Referências

ALMEIDA, Amanda de L. de. *Agulha, novelo, tecido e muito mais: lições de economia doméstica na Revista Feminina (São Paulo, 1915-1918)*. Curitiba, 2020. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Vice-Presidência de Registro - Coordenadoria de Registro Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade agrupados por Gênero. Disponível em: <<https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=0>>

CREPALDI, Paola; e GALIAN, Valéria. *A evolução da mulher na profissão contábil*. Revista Eletrônica Saber. Londrina. v 39. p. 1-11, jun-ago 2017.

FERREIRA, N, V. Gênero e educação: *A formação em economia doméstica*. In: 37 Reunião da Anped-Sul, 2015. Anais... Florianópolis, 2015. p. 1-15.

FONSECA, Mariana; SUTTO, Giovanna. *Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos – e a pandemia é parte do problema*. 2021. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/carreira/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-e-a-pandemia-e-parte-do-problema/>>

INEP. Censo da Educação Superior – 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>

LIMA, Bianca, *et al*. *Mercado de trabalho e gênero: desigualdade e estereótipos*. Ciências Biológicas e de Saúde Unit. Aracaju. v. 6. n. 3. p. 85-94, mar 2021.

Luca Bartolomeo de Pacioli, “O Pai da Contabilidade”. Disponível em: <<https://www.accpr.org.br/frei-luca-pacioli/>>

OLIVEIRA. A, C, M. *Economia doméstica: Origem, desenvolvimento e campo de atuação profissional*. Vértices, Campos dos Goytacazes, v.8, n 1/3, p. 1-12, jan/dez 2006.

OLIVEIRA, Luís Martins de; NAGATSUKA, Divane A. S. *Introdução à Contabilidade*. São Paulo: Futura, 2000.

PASETTO, Nilva Amália; *A representatividade feminina na Contabilidade*. 2018. Disponível em:<<https://cfc.org.br/sem-categoria/a-representatividade-feminina-na-contabilidade/>>

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. História, São Paulo, v. 24, N. 1, p. 77-98, 2005

SCORZAFAVE, Luiz Guilherme; e MENEZES-FILHO, Naércio. *Caracterização da participação feminina no mercado de trabalho: uma análise de decomposição*. Revista de Economia Aplicada. 10(1): 41-55, jan-mar 2006.

SILVA, Leandro Cordeiro. EDUCAÇÃO E GÊNERO: SUJEITOS E SUAS REALIDADES. In: ESTACHESKI, Dulceli Tonet; MOREIRA, Danilo Leite (org.). *Caminhos da Aprendizagem Histórica: Reflexões de Gênero e Sexualidades*. 1ª ed. Rio de Janeiro, p.160-165. Sobre Ontens/UFMS, 2021.

SILVEIRA, Daniel. *Participação de mulheres no mercado de trabalho tem 5º ano de alta, mas remuneração segue menor que dos homens, diz IBGE*. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/04/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-tem-5o-ano-de-alta-mas-remuneracao-segue-menor-que-dos-homens-diz-ibge.ghtml>>

SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismo e representações sociais*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001. Editora da UFPR.